

RECORDAÇÃO EM KIERKEGAARD

RECORDING IN KIERKEGAARD

Eduardo da Silveira Campos¹

RESUMO

No “Prelúdio” de *In vino veritas*, assinado por William Afham, há uma distinção entre *recordação* e *lembrança*. Esta diz respeito ao desempenho preciso do registro da juventude; aquela, ao empenho esquecido que confere lugar à poética do ver. O ancião é o exemplar dessa experiência de um olhar que recorda, mais que o dado, a dádiva de uma nova visão. Tal recordação não o arrasta para trás, mas sim para abrir-se como na vida que se *repete para diante*. O jovem é prodigo de presença; o velho, de falta. Contudo, é essa *falta* a força decisiva capaz de recobrar, com *saudade*, a saúde vital do olhar.

Palavras-chave: Recordação. Repetição. Velhice. Falta. Ver.

ABSTRACT

In the “Prelude” by *In vino veritas*, signed by William Afham, there is a distinction between *record* and *remembrance*. This concerns to the precise performance of the youth register; that to the forgotten commitment that gives place to the poetics of seeing. The elder is an example of that experience of a look that recording, more than the given, the gift of a new vision. Such record doesn’t drag him

¹ Doutor em Filosofia (UFRJ), Mestre em Filosofia (UFRJ), Especialista em Filosofia Moderna e Contemporânea (UERJ), Licenciado em Filosofia (UFRJ); Pesquisador do Laboratório de Avaliação de Serviços e Qualidade de Vida em Saúde Mental (LAPSO) do IPUB/UFRJ; Professor colaborador do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial (IFEN); Coordenador do Grupo de Estudos Margem Kierkegaard (IPUB).
E-mail: eduardodascampos@gmail.com

backward, but to open up as in life *that is repeated forward*. The young is a prodigy of presence; the elder is lacking. However, this lack is the decisive force capable of recovering, *with longing*, the vital health of the look.

Keywords: Record. Repetition. Oldness. Lack. See.

“O ver é sempre uma espécie de velhice – de velhice e de saudade” (FOGEL, 1998, p. 39). Nessa frase de Gilvan Fogel a palavra decisiva, a que traz em si as distâncias, não está presente enquanto vocábulo. Essa palavra ausente é: *instante*. Em seu lugar há um discreto sinal gramatical, um travessão, fazendo o longo tempo da velhice conquistar subitamente a jovialidade de um tempo intemporal, imemorial. Na frase, o tempo tem a pausa repentina de um travessão – como a de um olho cerrado (–) que fecha os olhos por um momento para poder ver, sem ver, o *ver*. A pausa súbita do pensamento – é de silêncio, de suspensão, de fôlego, de paciência. O travessão de Fogel é um cambapé no leitor apressado que tem pressa de envelhecer e não tem tempo de haver-se com o *instante* da própria vida. Esse travessão é como a pausa de Brás Cubas em meio às suas memórias, quando para, no meio do livro, a fim de explicar quem é o único *senão do livro*² que está a escrever.

Após o silêncio desse travessão se abre uma nova possibilidade de *ver*, retomando, na distância da velhice, a gênese da vida enquanto *saudade*. O *ver* da filosofia, parafraseando Fogel, é uma espécie de ocaso – de ocaso e alvorada. Ela é o impulso inesperado de uma certa in-fância, um impulso para estar sempre, em qualquer lugar, no seio silencioso da própria *casa*. Na velhice, em um piscar de olhos – centelha a *saudade*. Sob os olhos cerrados desse travessão (–), a velhice faz confiante a travessia de toda uma vida como se fosse a de um dia apenas, para em tempo crepuscular, enfim, despertar com saudades, trazendo consigo uma nova pulsão primaveril, de uma gênese que é *nada*, mas é de tudo. É um travessão, portanto, e não um hífen, pois não pretende unir dois termos em composição, mas assumir o único *termo* da vida, de cujo fim terminal poderá retomar, pela distância da separação, um novo começo, um novo mundo – a *possibilidade*. A gênese do homem não são os traços do seu “código genético” nem o *gen* tão ambicionado do primeiro homem. Esse traço gramatical que diz o *instante* em Fogel atinge e interrompe *eternamente*³ o *ser* do homem na pausa da *recordação* – o homem é apenas o silêncio desse travessão.

Mas, que é *saudade*? William Afham, a máscara kierkegaardiana que escreve *In vino veritas*, coloca expressamente essa questão:

² “...o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar” (ASSIS, 1994, p. 78).

³ Esse “*eternamente*” não tem o sentido linear de uma cronologia sem fim.

...que é saudade [*Hjemvee*]? É vir a recordação algo que está na memória. A saudade gera-se simplesmente pelo fato de se estar ausente. Arte seria conseguir sentir-se saudade sem se estar ausente... A magia de trazer até si o passado não é tão difícil como a de fazer desaparecer o que está presente em benefício da recordação [*Erindringen*] (KIERKEGAARD, 2005, p. 20).

A artesanaria da *saudade* é sentir *falta* sem a necessidade de se estar ausente. Mas para quê sentiríamos *falta* do que já está diante de nós? E como sentir, se a coisa já está presente, atravessando-nos com sua presença? É justamente porque ela é apenas uma presença constituída, firmada e fincada com todos os pés diante de nós, que não mais podemos vê-la. Essa dada presença é então um obstáculo para a recordação. Estamos tão próximos da coisa, com os olhos tão fitos e fixados nela, que nem mesmo conseguimos vê-la. Na verdade, a coisa até ocupa um lugar, mas não mais reluz como presença diante do olhar. A saudade é uma espécie de re-cordação que distancia o presente de seu lugar cristalizado, para nos dar a aproximação apropriada e cristalina de um novo *ver*. Esse distanciamento que faz a coisa presente desaparecer é efeito da saudosa liberdade da *possibilidade* de um novo ver. Esse novo está como que esmaecido enquanto mera lembrança. Lembrar, trazer a memória, nesse caso, é um obstáculo para o re-cordar, para uma *interiorização* grave e intensa, capaz de levar a coisa ao seio terno e mais íntimo da existência – o *coração: recordatio*. Por essa razão, o esquecimento é o ancilar da re-cordação, e o ancião, o poeta exemplar dessa arte. Sobre isso diz Afham:

Recordar não é de modo algum o mesmo que lembrar. Por exemplo, alguém pode lembrar-se muito bem de um acontecimento, até ao mais ínfimo pormenor, sem contudo dele ter propriamente recordação. A memória é apenas uma condição transitória. Por intermédio da memória o vivido apresenta-se à consagração da recordação. A diferença é reconhecível logo nas diferentes idades da vida. O ancião perde a memória, que aliás é a primeira capacidade a perder-se. Contudo o ancião tem em si algo de poético; de acordo com a representação popular ele é profeta, é divinamente inspirado. A recordação é afinal também a sua melhor força, a sua consolação: consola-o com esse alcance da visão poética. A infância, pelo contrário, possui em grau elevado a memória e a facilidade de apreensão, mas não tem o dom da recordação (p. 13).

A recordação [Erindringen] não é o exercício de uma interiorização que se cava cada vez mais intimista, fechando-se ambigualmente na interioridade da delícia de um lembrar doce e amargo: a curtição doída da falta, da ausência de algo ou alguém. Não se trata de nost-álgia. A recordação é a interiorização mais íntima de uma ausência que o amor não deixa morrer e faz ser presença. A dimensão poética da recordação é uma *poiesis* amorosa. O amor está na gênese da *re-cordação*. O amor assim é, de todos, o maior e mais fecundo inter-esse, e é ele que nos chama à intimidade mais íntima e intensa da *casa* humana. A recordação da *ausência* é o dom, o *presente* que liberta de uma presença que nos é dada sem a dádiva da *falta*. O *essencialmente* velho é pródigo de faltas, e é, por isso, que ele, como produtor de tantas presenças, é *poeta de acontecimentos*.

O termo dinamarquês *Hjemvee*, traduzido mais acima como “saudade”, fala de uma falta de casa (*Hjem*). Quando estamos fora de casa, surge aquele desejo de estar em casa, no lugar que é nosso, que é *próprio*. Essa saudade tem a ver com a *angústia*, pois esta é o sentimento da *possibilidade* de se estar em casa: a *realidade da liberdade como possibilidade de estar, de novo, em casa*. Mas essa casa é mais que o sítio, que o endereço da própria residência. Ela fala de um orbe existencial, radicalmente humana. Quando em meio a coisas, conceitos, pessoas nos sentimos totalmente acachapados pelo tédio de presenças chapadas, torna-se necessário sentir *saudade* diante de presenças dadas sem ausências, distâncias. Mas, para essa casa, estamos sempre a caminho, e nela nunca estacionamos. É esse impulso de chegar, sem pretender chegar, a pulsão da *recordatio* poética. Assim, estar a caminho de casa é estar na casa do caminho. A *falta* é o motor da travessia, e a travessia é ela mesma a própria casa.

Eis a artesanaria da *saudade*: sentir *falta* e ganhar distância diante da presença, pois é a *ausência que nos faz amar a presença*. Se temos saudades da nossa infância, isso se deve fato de que tomamos uma certa distância dela, que agora leva-nos a amá-la. Mas podemos lembrar da infância com nostalgia, que é a dor de não conseguir tocá-la como na primeira vez, pois essa lembrança traz apenas uma possibilidade dada, perdida. Mas a recordação da saudade é *angústia* diante da nova *possibilidade*, que refaz como *outra* a experiência da primeira vez. Toda recordação é recordação dessa gênese, da primeira vez, da infância: a primeira mordida no caqui, o primeiro chute na bola para o pai, o primeiro beijo da mãe. Contudo, não nos recordamos exatamente daquela mordida, daquele chute e daquele beijo – apesar de nos recordarmos também deles; pois a lembrança dessas coisas é apenas a lembrança sem a força cardial dessas mesmas coisas, e tal lembrança pode apenas alimentar uma nost-álgia, que é a fixação da ausência sem a possibilidade de uma nova presença.

Ora, de que tempo de infância estamos tratando, então? Quando nos recordamos dela, recordamo-nos, ou melhor, renascemos a cada momento, como escrevia Caeiro, para a “eterna novidade do mundo” (PESSOA, 1986, p. 204): renascer é recordar – voltar a conhecer a coisa desde a sua primeira vez, *antes* do seu primeiro aniversário. O aniversário só vem depois como comemoração da *abertura* do nascimento. Mil anos de comemorações de aniversários não asseguram uma única e real recordação; pode ser apenas mera duração temporal, ou, como diz Álvaro de Campos em seu poema *Aniversário*: “É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio” (PESSOA, 1986, p. 379), como quem anualmente sopra, resfriando um fósforo já resfriado.

O ano que volta – *ani-versário* – pode ser o acúmulo de anos *quantitativamente* somados sem que haja em *verdade* a reabertura da força do *instante* da primeira vez. Portanto, só há verdadeiro ani-versário quando o homem renasce sob a força daquela *possibilidade* que o versou pela primeira vez, como a “eterna novidade do mundo”. Kierkegaard, em seu discurso edificante sobre a *obediência*, fala dessa experiência no pássaro “fatigado por adversidades e contratempos, a cada manhã de muitos dias sucessivos achando seu ninho estropeado...”, mas que ainda assim “o pássaro obediente volta ao princípio e trabalha cada manhã com o prazer e o esmero da *primeira vez*; graças à obediência absoluta...” (KIERKEGAARD, 2007, p. 263, grifo nosso).

A *primeira vez* não significa o “como se fosse” a primeira vez, porque, nesse caso, “é” e “volta a ser” *sempre* a primeira. No entanto, quem diz o “como se fosse” entrediz em sua fala o sentido de “pela segunda vez”. A “primeira” não quer dizer a “vez primeira” que, na sequência temporal, fica antes da conseguinte “segunda vez”. A “primeira vez” é o fenômeno natalino da vida, do pensamento. Nessa data nasce diuturnamente o poeta. Uma *data* (derivada do lat. *dare*) que traz o mesmo “dar” de dom, dádiva, presente. Portanto, não se trata de uma série sequencial de fatos articulados na linha contínua da cronologia. Trata-se de fazer a experiência da *experiência* fontal, não como a imitação (nostálgica) da “primeira vez” em uma “segunda vez” apenas travestida de “primeira”. Pois não está em *tempo* (em questão) apenas o “de novo” – mas o *novo* rompido por dentro pelo bico do *instante*.

O tempo da infância tem o privilégio de ser a referência para a recordação da velhice, porque os olhos do seu tempo perceberam a *vida* enquanto ainda estavam desanuviados, desembotados, desacostumados, desmemoriados. E se na distância da velhice recorda-se justamente pelo *esquecimento* de um tempo, vive-se, de novo, a real *possibilidade* de se passar pela mesma experiência de irrupção primeira, da

primeira vez. Seus olhos imaculados estão prontos, como os da criança, aptos para ver a coisa como ela é e poderia ser – *possibilidade*. Isso é querer estar, de novo, em casa [*Hejm*]– *saudade* [*Hjemvee*].

A infância não é a criancice, mas in-fância⁴: a mudez que abriga o calado de toda fala originária. Diante do berço dessa infância nascente, a velhice inclina-se para pensar o nascedouro do pensamento – que nasceu e deverá nascer. Ter *saudade* não é o sentimento de voltar a comer o mesmo caqui, dar o mesmo chute ou receber o mesmo beijo, pois esse tipo de atualização não oferece garantias para a revivência da experiência inicial. Muito pelo contrário, essa operação da memória saudosista pode estar, como já dito, a serviço da nostalgia. A recordação da saudade é recordação do *pasmo essencial* de criança reparando que nascera de-veras, ou seja, que nascera da e na *verdade*.

Com o avançar da idade acontece o recrudescimento de uma nostalgia dilacerante, instigando lembranças que são memórias de fatos passados, porém sem o *pasmo essencial* da primeira vez. O velho pode até mesmo acreditar que a reedição dos fatos poderá garantir-lhe a experiência de um *espanto* primordial, mas só o *pasmo* recordado pode acender o *factum* que ainda está aberto na e para a refazenda de uma essencial lembrança cordial. O pasmo é pasmo não “daquele tempo”, pois esse segue trancafiado nos cartórios da infância como material de pasmaceira para o tédio.

1 O VER SIMPLES

Heidegger em sua obra: *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo – finitude – solidão* (HEIDEGGER, 2011), vislumbra em nossa época um *novo* jeito de filosofar que se dá como a retomada do *velho* acontecimento de ser homem: “Não se trata nada menos do que reconquistar uma vez mais esta dimensão originária do acontecimento no ser-aí filosófico, para chegar a ‘ver’ todas as coisas de novo de modo mais simples, mais intenso e mais duradouro” (p. 32). O *ver* do qual nos fala Heidegger, que precisa ser “de novo”, não é a recomendação de uma revisão dos conceitos da tradição filosófica, ou a ação de passar em revista a tropa das autoridades metafísicas. A passagem vai além de uma mera revisada, ao modo de uma “segunda olhada” para o objeto já visto. A passagem: “ver todas as coisas de novo”, quer dizer: “um novo ver sobre todas as coisas”, ou mesmo: “eis que tudo é novo”, como diz

⁴ A palavra latina *infantia* significa mudez ou dificuldade para falar.

Haufniensis em *Conceito de angústia*. Isto indica aquela mesmíssima experiência assinalada por Caeiro nas primeiras páginas de *O Guardador de Rebanhos*: “Sei ter o pasmo essencial de criança...”. O “ver” de Heidegger aponta para essa experiência primeva.

Com isto se *vê* a cada dia um dia novo à medida que se *desvé* o mesmo dia todo dia. Esse desver não é apenas um deixar de ver simplesmente para dar lugar a uma nova visão. Não se trata da substituição de uma por outra, de espaços desocupados para uma ocupação mais “moderna”. Esse ver só pode ser a visão de um *espaço* que jamais se ocupa de imagens ou de qualquer outra coisa, de tal maneira que nenhuma ocupação é o bastante para o preenchimento do âmbito *vazio* desse lugar. Vê-se não aquilo que vem depois de se desver, mas o próprio âmbito da “primeira vez”. O ente que assoma após a visão desse âmbito é doação da *recordação*, advinda dessa nova experiência de visão. O “pasma essencial” de Caeiro é a visão de uma *data* essencial, mas não do dia de hoje, de ontem ou de amanhã. Quem faz a experiência de leitura do “pasma essencial” de Caeiro lê, no sábado, o jornal de sexta com as notícias de domingo. Essa é a experiência do velho Calcas Testorides que na *Iliada* recorda, no presente, o que foi e o que está por vir⁵. Mas, para isso, é preciso ser experimentado na artesanaria da saudade, é preciso *ver* ausências: recordar de uma *falta* constitutiva e criadora.

A tarefa da filosofia é *repetir* a primeira vez de um *ver* “mais simples, mais intenso e mais duradouro”. Sob o impulso desse novo e antigo caminho, Heidegger ergue-se contra a tradição metafísica que, durante muitos séculos, fundou e sustentou um modo de pensar/ver o real “mais composto, mais extenso, mais permanente”. Dois adjetivos sintetizam bem a natureza triádica desses momentos históricos que são apresentados por Heidegger: a primeira, a tríade metafísica (*composta, extensa, permanente*), é de caráter *quantitativo*; e a tríade que Heidegger acena para sua época, como *possibilidade* (“simples, intenso e duradouro”), é de caráter *qualitativo*. *Quantitas* é sempre o olhar da mediação (medida-métrica), em torno do cálculo do real; *qualitas* é o olhar imediato (*instante*) que capta a *natureza* (*physis*) da coisa. Com um ver segundo a medida posta pela razão, *quantitas* “assegura” os enunciados elaborados sobre o real; mas *qualitas*, por outro lado, com seu ver direto entra em relação via experiência intempestiva, imediata, sem medida e arriscada. Circunspecto, *quantitas* envolve, atravessa, sobe e desce, certificando altura, largura e comprimento da coisa, mas apenas *qualitas* a cumprimenta em *verdade*, de forma *simples, intensa e duradoura*.

⁵ HOMERO, *Iliada*, canto I, 70.

O cumprimento de *qualitas* é um genuflexo reverente diante do incontornável. Para Johannes Climacus, essa é a postura essencial do homem quando se encontra nas habitações de seu *ethos*. Subestimar a eminência desse lugar qualitativo, para assumir uma tendência quantitativa, é, para Climacus, tornar-se “antiético”, fora de casa. Ele diz: “Mas a ética considera igualmente como antiética aquela transição na qual alguém abandona a qualidade ética para experimentar, ardentemente, ansiosamente, etc., o outro quantitativo” (KIERKEGAARD, 2013, p. 139). O abandono do *ethos* humano é a despedida do pensamento que deixa a “existência” para pensar, como quem delira pela razão, em meio aos “comprimentos” quantitativos do sistema lógico⁶. Em contrapartida, o cumprimento de *qualitas* é o *impulso* para retomar o *ethos*, e, assim, proteger e resguardar, à distância, a sacralidade de existir na solidão de uma habitação *simples*, de onde é possível *ver* melhor o mundo.

É da “aldeia”, já dizia Caetano de Queiroz, que se pode ver melhor o mundo, mas não da cidade onde existem “grandes casas”; em uma passagem desse conhecido poema, ele diz: “Porque eu sou do tamanho do que vejo e não do tamanho da minha altura” (PESSOA, 1986, p. 208). *Ser* do tamanho do *ver* é precisamente a conquista da qualidade desse *ver* qualitativo capaz de elevar, em *grandeza*, o caráter da existência de um homem. Mas ser o “tamanho da altura” é tornar-se *pequeno*, é perder, para o domínio do quantitativo, a marca *essencial* do homem, que está em *não* precisar pensar a partir dos esquemas de controle, do cálculo. Pensar sob o domínio da representação e dos princípios da razão é simplesmente não poder *pensar/ver*. O olhar quantitativo da *representação* nos torna pobres moradores de edifícios suntuosos, “grandes casas”, necessários apenas à acumulação, mas dispensáveis para a conquista de uma *edificação* que se erga sobre a *cumulação* de um *ver* que *acontece* no estreito mais simples de uma aldeia. Só a aldeia, só uma aldeola pode guardar um *horizonte livre*, livrando assim o homem da pobreza acumuladora das grandes casas, “porque a nossa única riqueza é ver” (id. *ibid.*).

O movimento, o impulso para o *ethos*, o distanciamento que *apura* o *ver*, Johannes Climacus chama de “pureza singela” e “santidade”, ele diz: “Mas olhar sempre de novo para esse incessante quantificar é prejudicial para o observador que facilmente perde a pureza singela do ético, o qual, em sua santidade, desdenha infinitamente todo quantificar, que é o prazer dos olhos do homem dos sentidos e a folha de figueira do homem da sofisticada” (KIERKEGAARD, 2013, p.148). O “prazer dos olhos do

⁶ Kierkegaard está subentendendo o sistema hegeliano.

homem dos sentidos” é a excitação voraz diante da abundância quantitativa, e, para remediar a vergonha de sua “excitação”, esconde a saliência quantitativa por trás da monumental “folha de figueira” do sistema. Mas a castidade do *ver* qualitativo tem a transparência de um prisma. Atravessado pelo luzir simples da vida, o homem se torna o luzeiro de muitas *possibilidades*.

O caráter *composto* do pensamento metafísico reflete-se na tendência binária de separar, dividir e subjugar um termo em relação a outro, estabelecendo o lado vencedor, posto pela razão como fundamento do pensamento. A composição metafísica sempre traz vencido definitivamente o que se opõe, articulado com outros termos na formação de uma rede de sentidos (remetidos um *para* o outro) que subsistem calcados sobre uma base fundamental. Essa rede se *estende* quantitativamente, ancorando a certeza do dizer sob o rigor da lógica e na miríade de dados que garantam a objetividade do seu discurso. Quanto mais dados, mais fatos e mais números, maior será o asseguramento acerca da verdade do real. Ademais, seu desejo é buscar bases sólidas, imutáveis e imperecíveis para que o pensamento possa pensar salvaguardado da volatilidade da *impermanência* do tempo.

Heidegger acena um caminho de duplicidade que acolhe a metafísica, mas avança para além dela através da outra tríade, cujo *ver* é “mais simples, mais intenso, mais duradouro”. O *ver* da poética do olhar não pode ser ajudado por mediações instrumentais que garantam certeza, através de dispositivos de precisão e proximidade trazidos, por ex., pelo olhar do telescópio ou do microscópio – utensílios legados pelo pensamento metafísico que engendrou toda ciência. A força dessa *nova filosofia* está na abertura para as múltiplas possibilidades de articulação do real, abandonando, na metafísica, a sua teimosia, pretensão e despudor. Abrindo mão do telescópio e do microscópio (instrumentos do *pathos* da proximidade) a nova filosofia lança mão do caleidoscópio⁷, para *ver*, desde um âmbito existencial, matizes multicores em seus vários modos de realização. O multicolorido do caleidoscópio traz a *beleza* das inúmeras dimensões – possibilidades de vida – durante o movimento circular do brinquedo. A saudade é o *pathos* multicolorido que se abre somente à distância, na experiência de uma recordação caleidoscópica: a bela forma de olhar⁸.

A cobiça do olhar metafísico busca, através de seus instrumentos de precisão, invadir e capturar o real. E assim, bem de perto e sem *espanto*, invade e “espanta” a

⁷ Caleidoscópio é uma palavra formada do grego: *kalos* (belo), *eidōs* (forma), *spekein* (olhar).

⁸ Id. *ibid.*

coisa. Johannes Clímacus observou esse fenômeno no afã de alguns pela prova da “existência do deus”:

E como é então que a existência do deus emerge da prova? Será que isto se dá assim tão simplesmente? Por acaso vale aqui o mesmo que com aqueles “bonecos cartesianos”? Logo que eu largo o “joão-teimoso”, ele volta à sua posição sobre a bola de chumbo. Contanto que eu largue: é preciso portanto largá-lo! Assim também ocorre com a prova; enquanto eu me agarro à demonstração (quer dizer, enquanto eu me obstino em provar) a existência não aparece, se não por outro motivo, então talvez porque tento prová-la, mas desde que a largo, a existência aparece. Porém o ato de largá-la representa, afinal de contas algo (KIERKEGAARD, 2008, pp. 68-69).

Através do “ludião cartesiano” – experimento do princípio de Pascal sobre estudos de hidrostática –, Climacus expõe precisamente esse cobiçoso olhar metafísico pelo objeto. A cena é cômica, mas realíssima. O despudor do desejo metafísico afasta de si a coisa impoluta e sagrada à medida que dela se aproxima. A existência de qualquer coisa, em seu espectro de cores, só aparece ou desaparece diante de um certo olhar contido, à distância. Se há impulso para captura, para esquadrinhamento, para a curiosidade do experimento, a coisa escapa, esgueira-se. Mas ela vem se for largada, deixada, e até mesmo *esquecida*. O ato de largá-la, como diz Climacus, é algo. Largar é deixar que algo se desvele espontaneamente, entregue-se. Portanto, não se deve pensar que esse algo seja mais um ente. Ele é somente a oportunidade, o tempo, a hora, o instante em que o véu pode cair.

A alma metafísica já começa perdida na impaciência; seu ímpeto voraz, sua sede infinita, sua vontade de controle, seu despudor e pressa, o poder acumulador de sua memória, fazem com que ela perca o tempo e o compasso, “atravessando” o andamento da coisa. Sem poder esperar, a metafísica elabora abstrações da idealidade, antecipando conclusões sem o perfazimento de um caminho, submetendo toda a realidade ao modelo estabelecido por ela como fruto das paixões que reclamam asseguramento.

Didi, “folha-seca”, com seu pensamento em curva, viu o tal fenômeno acontecer com a coisa que tanto amava. Certa vez em entrevista dada em 1994 a Roberto Moura, lembrou que na Copa de 58 alguns críticos disseram que ele era muito lento e deveria ser substituído por Moacir, meio-campo rápido do Flamengo. Ao que rebatia de “prima” e em curva: “Não sou eu que corro, é a bola que corre”. Moacir era metafísico: corria, corria, mas, no descompassado da coisa, a bola dele corria. Didi caminhava

e parava – e a bola corria à sua procura na cadência e no compasso de suas lentas passadas. Coisa estranha é essa *coisa* que se doa ao homem na paciência e na calma daquilo que é por natureza – *lento*. A esse andamento se chega, sem se chegar ao fim, sob o compasso de um passo mais *simples*, mais *intenso* e mais *duradouro*. Por essa razão, a perda gradual da memória, na velhice, realiza a viragem da poética do olhar; a fraqueza da lembrança de fatos próximos abre espaço para uma força imemorial.

2 VELHICE E RE-CORDAÇÃO

No texto escrito por William Afham, *In vino Veritas*, duas figuras despertam a atenção do leitor. Destaca-se, no “Prelúdio”, a figura do “ancião” como aquele que realiza a travessia da idade decisiva da *recordação*. Mais à frente, como tema de um banquete, destaca-se a “mulher”, como se Kierkegaard estivesse dando ao *amor* – tematizado em um outro banquete mais conhecido pela tradição⁹ – a concretude erótico-carnal de uma abstração amorosa. Nesse banquete kierkegaardiano, vários homens sentam-se à mesa para discursar sobre a mulher, dentre os quais está um *jovem*. Mas não aparece um único velho entre os convidados, apesar de ter aparecido no início de forma marcante, como a figura exemplar da arte da re-cordação, artesanias da *saudade*. O Sedutor, aquele que discursa sobre a mulher com conhecimento de causa, é o único a falar com alegria sobre o tema, enquanto todos os outros traziam na prédica o despeito e a decepção com o modo de ser do feminino. Não sabemos se o Sedutor, o último a discursar no *banquete* de Kierkegaard, é velho como o “ancião” do “Prelúdio”. Não é o que parece. Entretanto, o Sedutor fala com a ladinice dos sábios e velhos amantes.

As duas figuras que encontramos em destaque na obra mostram a cumplicidade perfeita da relação entre o *homem* e a *verdade*, mas somente quando o homem assume a ternura e a jovialidade do olhar do velho diante da beleza e simplicidade da *verdade*, a qual, no contexto de *In vino veritas*, parece ser a mulher. O homem quando velho, vivenciando a franca fragilidade de seus dias, atinge o cume da evidência do olhar de *poeta*. Porque antes, quando jovem, qualquer coisa de não essencial o distraía, qualquer sombra lhe trazia frescor, qualquer coberta lhe aquecia o metabolismo acelerado de sua juventude. Agora, mais lento e frio, pouca coisa lhe basta: só a graça tocante do que é *essencial*. O simples movimento co-move-o, um pouco de real calor,

⁹ O *Banquete* de Platão

incandesce-o. A fragilidade de sua velhice apurou, *em tempo*, seus sentidos dormitados desde o berço. Por isso, um cobertor não é mais o suficiente para lhe aquecer à noite – mas só a pele *desvelada* de uma virgem, como mostra o caso da velhice do rei Davi.

Conta a estória que Davi, quando já velho, sentia frio durante a noite, mas por mais que o aquecessem com agasalhos, continuava a sentir frio. Foi, então, que alguém encontrou a solução para o problema que afligia o rei: uma moça virgem e formosa foi chamada para aquecê-lo, fazendo-o dormir entre os seus seios. Diz o texto que a moça mui formosa cuidava e servia ao rei com diligência. Contudo, o texto ressalta, talvez temendo o escândalo, que apesar de todos os bons serviços dispensados por ela, “o rei não a conheceu”. Devemos, no entanto, olhar com suspeitas o comentário final do redator bíblico, pois a prova cabal de que o velho Davi a conheceu deve-se ao fato do seu corpo ter sido aquecido no aconchego dos seios da moça virgem. Funcionou o remédio: o corpo aquecera – seu corpo, sim, a conheceu! Não foi qualquer cobertor que aqueceu o velho, mas algo *essencial*: a pele de uma mulher virgem. O jovem Davi muito provavelmente se aqueceria com alguma coisa qualquer que o cobrisse, mas, o velho, graças à lentidão metabólica de seu corpo, necessitava de algo mais vital. *A decrepitude de sua saúde deixou-o mais susceptível ao decisivo calor da verdade*. Sim, o *ver* é sempre uma espécie de velhice – de velhice e de saudade”. A fraqueza do velho Davi era a força de um sentir mais agudo, essencial, não obstante a decrepitude de um embotamento fisiológico, natural. A decrepitude guarda o fulgor da crepitação de um novo calor. Por isso, o *ver* é uma espécie de ocaso – de ocaso e alvorada. Talvez aquilo que um famoso pintor disse algures acerca da juventude caiba perfeitamente aqui: “Leva-se muito tempo para tornar-se jovem”. Na poética da re-cordação os olhos recobram o viço, a saúde do olhar, à medida que envelhecem. Os olhos tão usados, de repente, ganham a saúde da saudade, encontram inesperadamente as *origens* no devir do envelhecer, i.e., os olhos usados, na poética da re-cordação, tornam-se, de novo, virginais, com a quentura vital de uma vida virgem.

É provável que William Afham não tenha pensado na experiência de Davi quando escreveu *In vino veritas*, mas nessa primeira parte dos *Estádios* aparece a mesma fragilidade do “velho” transfigurada em jovialidade. No *Prelúdio*, logo de início, surge o “velho” e a questão da *recordação* [*Erindringen*], e, na parte seguinte do banquete, a “mulher”. Há um mistério na intimidade dessa relação que propicia a revelação do segredo da *verdade* a uma determinada disposição humana mais vulnerável, frágil. Qual a natureza da *fragilidade* dessa disposição que, da *fraqueza*, faz surgir a mais forte e bela forma humana? Essa observação não é imediatamente

visível. Que um tronco é mais robusto que uma semente, isto todos veem. Que uma árvore é mais robusta que uma flor, isto todos veem. Todavia, quem assim vê não percebe segundo a poética de Cabral de Melo Neto, mostrando que uma “flor é mais espessa que sua árvore” (MELO NETO, 1999, p. 116). Se a semente é a criança; a árvore é o jovem; a flor, o velho – precisaríamos observar, agora, o que significa dizer *espesso* e não mais “robusto”, pois, em uma perspectiva míope, reducionista, por mais *espessa* que seja uma flor a queda de uma árvore “robusta” sobre ela seria o suficiente para esmagá-la.

Sim, o jovem é mais “robusto” que o velho, mas o velho é mais *espesso* que o jovem, como uma flor mais *espessa* que sua árvore. Diz o poeta pernambucano que é mais “espessa a vida que se desdobra em mais vida”. Desdobrar – que verbo é esse que deixa a vida mais *espessa*? Vejamos. Quando se abre o que está dobrado algo que estava envolvido na dobra se desenvolve e aparece. Antes esteve escondido no meio da dobra, mas, agora, está livre para vir à luz da forma que é e precisa ser. Esse é traz em si, no vir a ser do desdobramento, ao mesmo tempo, a dobra e a desdobra. Em cada desdobramento da dobra dá-se nova dobra com o *dobro* de vida. O dobro é a articulação de desdobramento e dobradura. O desdobramento é crescimento, desenvolvimento; dobradura é o fechamento do mistério. Qualquer *grande* desdobramento de beleza e vida guarda, no interior de sua dobra, um maior silêncio – o *sagrado*. O que se dá em *dobro*, como *repetição do espírito*¹⁰, é a *espessura*, o espessamento da concreção da existência. Esse é o sentido do conceito de *repetição ou recordação para diante* que encontramos n’*A Repetição*.

Portanto, desdobrar-se é abrir-se para vir à luz no aparecer vigoroso de uma singela *beleza*. A *evidência aguda desse aparecer é realização de realidade, concreção de vida, espessamento do real*. O *desdobramento* é o movimento de concreção através do qual a vida vem à tona – *em verdade*. Em todo desdobrar-se dá-se uma nova dobra; entretanto, cada vez mais simples, mais nítida, mais evidente, mais silente: *com o dobro de espessura, realidade*. E, assim, vale reforçar que esse *dobro* não pertence à aritmética; e essa *espessura* não pertence à geometria.

¹⁰ “Não haverá então repetição? Não recebi tudo a dobrar? Não me recebi a mim mesmo de volta e precisamente de tal maneira que fui obrigado a sentir duplamente o significado desse fato? E que é a repetição de bens terrenos, que são indiferentes no que respeita à determinação do espírito, quando comparada com uma repetição como esta? Job só não recebeu os filhos a dobrar, porque uma vida humana não pode ser duplicada assim. Aqui só é possível a repetição do espírito, embora nunca seja tão perfeita na temporalidade como na eternidade, que é a verdadeira repetição” (KIERKEGAARD, 2009, p. 132).

Quando o Jovem de A Repetição afirma que Jó recebeu tudo em “dobro”, esse “dobro” não possui o mesmo sentido de espesso? A flor é mais concreta, tem mais desdobramento, tem mais espessura que a árvore, pois nela (flor) a árvore alcançou o esplendor de um brilho mais cintilante. A repetição – o desdobramento da árvore – não é quantitativa, ou seja: duas árvores (“dobro”), três árvores (“triplo”), etc. Na repetição para diante de Constantius, quando a árvore alcança a repetição, não se torna mais uma árvore, mas, sim, uma bela flor no terminal de seus ramos. Saltou para ser flor: dobrou, espessou-se. A flor é a recordação da árvore, a esperança como saudade do futuro, repetição para diante¹¹. O recordar da árvore é a invocação da semente (passado, saudade) na evocação da flor (futuro, esperança).

Sob o espírito do velho Jó, o Jovem d’A Repetição diz: “Voltei a ser eu mesmo; eis que tenho a repetição; entendo tudo e a existência surge-me agora mais bela do que alguma vez” (KIERKEGAARD, 2009, p.131, grifo nosso). Nisto está a recordação como repetição para adiante. Ele voltou a si (dobra) como outro (desdobra)¹², e, como novo homem “entende tudo”, i.e., vê tudo diferente de como via antes. A existência lhe aparece, agora, em dobro, mais espessa que outrora. Atingir o dobro é ter maior espessura, concreção, desdobramento – beleza; ser a cada momento mais simples, desprotegido, ter o nervo da vida exposto: essa é a condição aguda do homem no acolhimento irrestrito de sua finitude.

O lugar mais protegido para flor é o broto; o lugar mais protegido para o broto é o galho, o lugar mais protegido para o galho é o tronco. Mas a economia de vida, no recolhimento da proteção contra o perigo, é o toco esconderijo daquilo que poderia vir a ser belo, mas não veio. Para além da proteção do esconderijo, a beleza é a vulnerável exposição de acolhimento de vida. Desprotegida e bela, a ferida que acolhe em si a vida, acaba sendo acolhida na vida que acolhe. O nervo exposto de uma árvore é a flor, e a árvore, ao acolher a vida da beleza em flor, acaba sendo colhida em sua vulnerável florescência terminal. A espessura do desdobramento da árvore em flor revela o câmbio e comércio entre ferida/vulnerabilidade e beleza. Quanto maior a beleza, maior a ferida – maior a possibilidade de ferir-se, sentir.

¹¹ Cf. KIERKEGAARD, 2009, p. 32.

¹² Se nesta repetição houvesse apenas a *dobra* como o fechamento para o passado, a recordação seria, ao modo grego de *recordar*, uma “repetição para trás”. Se na *dobra* o instante coloca paradoxalmente a *desdobra* que abre o movimento para o futuro, a repetição se apresenta como uma recordação ou repetição para diante. Já no pseudomovimento da repetição dos modernos ocorre a *redobra* da reflexão, trancando a ideia com as chaves do necessitarismo dentro de uma dobra sem desdobramento.

Na abertura de todo acolhimento de vida desdobrada se mostra o recolhimento de vida na dobra da morte. Sabedor disto, o velho se abre na dor como a flor de “anêmona” no acolhimento exemplar da vida cortejada diuturnamente pela morte. Rilke, falando sobre a efemeridade da anêmona, fala do acolhimento da finitude humana – sua dor e beleza:

Músculo de flor que abre a anêmona,
Pouco a pouco, às manhãs do prado,
Até que se derrame em seu seio
A polifonia luminosa dos altos céus,

Músculo de infinita acolhida,
Distendido na paz da estrela em flor,
Às vezes tão subjugado pela plenitude
Que o sinal de repouso do crepúsculo

Mal pode restituir-te a borda
Das pétalas amplamente retorcidas:
Tu, decisão e força de tantos mundos!

Nós, violentos, nós duramos mais.
Mas, quando, enfim, seremos abertos
E acolhedores, em qual das vidas?

(RILKE, 1994, p. 81)

Rilke mostra, para o homem, a natureza da anêmona que surge em um dia e se vai levada pelo vento em outro dia. Ela é breve e bela como os “lírios do campo”. Como Cristo mostrava o “lírio”, Rilke mostra que o homem é e precisa *tornar-se* essa “anêmona”. Ainda que exposta às intempéries do tempo que a fere, ainda que as amenidades do repouso crepuscular sejam incapazes de restituir-lhe a juventude, o viço de suas pétalas; ela, mesmo assim, *acolhe* a vida com beleza sob os ventos de uma existência finita.

Acolher é agradecer. A *gratidão* torna a anêmona *eterna* como as fugas de Bach, mas os nossos músculos “violentos” derrubam grandes árvores que nos protegem para “durarmos mais”, semimortos dentro da dobradura de uma *casa* sem riscos. Mas a corola de uma anêmona é aberta por músculos acolhedores sobre a eterna *abertura* que acolhe reciprocamente a anêmona. Nesse lugar, que é a existência, vive brevemente o homem até a chegada de sua velhice, protegido apenas pelas sépalas do cálice do próprio destino *humano*. Quando enfim chegar o seu crepúsculo poderá erguer

um cálice de silêncio e gratidão. E, mesmo que não chegue à idade cronológica da velhice, o próprio jovem pode existir na *saudade*, desde o instante do *ver*: da poética do olhar. O de-cisivo nessa espécie de velhice é a *saudade* – a falta que faz sentir a ausência diante de toda presença dada e acachapante.

Na velhice costuma-se ver imediatamente apenas a dobradura da morte; de tal maneira que perdemos de vista o desdobramento de vida que se dá a cada dia de luta entre dobradura e desdobramento, fechamento e abertura, esquecimento e recordação. Em cada idade acontece a dobra que se fecha na morte e a vida que se desdobra, abrindo-se com mais espessura – *beleza*. Mas antes de morrer, a flor ainda é capaz de um último fôlego de recordação: ela se re-corda da madureza de ser fruta. Esta é mais espessa que a flor, pois na fruta estão concentradas a semente, a árvore e a flor. Sob a forma de fruta, a semente finalmente cumpriu o seu *fado*, e deste *canto* belo e triste está pronta para cair para ser velada com sabor pelos homens. Mas se um homem prova dessa fruta, ela será ainda mais *espessa* na boca que diante dos olhares simplesmente veladores; porque, para aqueles que apenas velavam o corpo da fruta, a prova do seu sabor *desvelar-se-á* uma natureza com a qual poderão consubstanciar na re-cordação. Essa prova da fruta, i.e., comê-la, *apropriar-se* dela, revela maior substância, confere maior *espessura*, concretude existencial. Até mesmo para a fome, que não pode comer a fruta que está vendo diante dos olhos, a vida espessa-se ainda mais, porque há uma *falta* agravando a espessura de um sabor vital, que se sente palatável na boca, mas enquanto *falta*. É o que diz ainda Cabral de Melo Neto no seu *Discurso do Capibaribe*:

Espesso
como uma maçã é espessa.
Como uma maçã
é muito mais espessa
se um homem a come
do que se um homem a vê.
Como é ainda mais espessa
se a fome a come.
Como é ainda muito mais espessa
se não a pode comer
a fome que a vê
(MELO NETO, 1994, p. 115).

Essa fruta terá, enquanto *falta*, muito mais *concreção*, mais *presença*, i.e., mais espessura, mais desdobramento que a flor, que a árvore, que a semente. Porque, comida

pelos homens, a fruta se *espessa, cresce*, existindo transubstanciada no corpo de quem a desejara e comera. Não é à toa que a estória/história do primeiro homem só se inicia, quando se realiza, concretizando o seu existir na prova de uma fruta indevida, que antes os olhos apenas cobriavam. Mas, ao comê-la sente o gosto amargo da primeira *falta*, a nostalgia do paraíso. Mas na *falta* de uma outra recordação, a da saudade, ele não deseja mais voltar ao lugar perdido. E, assim, de um lamento nostálgico, ele conquista a alegria de uma *falta* vital. Para isso, a saudade quer manter a distância, não quer voltar ao lugar de onde saíra, justamente para que possa ter uma verdadeira *recordação*¹³. Essa lembrança não ambiciona retomar o paraíso nem relembra com lamento da sua expulsão. Sua re-cordação é, na verdade, a celebração da nova casa humana enquanto a casa do caminho, da casa que se edificara precisamente no instante da saída do paraíso, o começo de uma *falta* de-cisiva e essencial.

¹³ “Dois indivíduos podem, por razões totalmente opostas, não querer rever certo local que recorda um dado acontecimento. Um deles não tem a mínima noção de que haja algo a que se chama recordação [*Erindring*], limitando-se a temer a memória. Longe da vista, longe do sentido, pensa ele; desde que não veja, esqueceu. O outro deseja precisamente recordar, e por isso mesmo não quer ver” (KIERKEGAARD, 2005, p. 21)

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado. **Obra Completa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- FOGEL, Gilvan. **Da Solidão Perfeita**: escritos de filosofia. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1998.
- HEIDEGGER, Martin. **Os conceitos fundamentais da Metafísica**: Mundo – Finitude – Solidão. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- HOMERO. **Ilíada**. 4. ed. São Paulo: Arx, 2003. v. 1.
- KIERKEGAARD, Søren. **In vino Veritas**. Trad. de José Miranda Justo. Lisboa: Antígona, 2005.
- _____. **Migalhas filosóficas – ou um bocadinho de filosofia de João Climacus**. Trad. de Ernani Reichmann e Álvaro Valls. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. **Pós-escrito às Migalhas filosóficas**. Trad. de Álvaro Valls e Maria Murta de Almeida, Petrópolis: Vozes, 2013. v. 1.
- MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. vol. único.
- PESSOA, Fernando. **Obras completas**: obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. vol. único.
- RILKE, Rainer Maria. **Sonetos a Orfeu, Elegias de Duíno**. 2. Petrópolis: Vozes, 1994.

